O TRABALHO NA PROSTITUIÇÃO DE LUXO: ANÁLISE DOS SENTIDOS PRODUZIDOS POR PROSTITUTAS EM BELO HORIZONTE – MG

Késia Aparecida Teixeira Silva

Doutoranda em Administração

Universidade Federal de Lavras – UFLA

Lavras – Minas Gerais - Brasil

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC Minas

Arcos – Minas Gerais - Brasil

kesia.atsilva@yahoo.com.br

Mônica Carvalho Alves Cappelle

Doutora em Administração

Universidade Federal de Lavras – UFLA

Lavras – Minas Gerais - Brasil

edmo@dae.ufla.br

RESUMO

O trabalho, antes visto apenas como meio de sobrevivência e acúmulo de riqueza, tornou-se uma das principais dimensões da vida humana, fazendo com que os indivíduos sejam identificados mediante as atividades que realizam. Diversos estudos abordam o trabalho por meio dos sentidos que os trabalhadores atribuem à atividade que realizam, como é o caso dessa pesquisa que investiga os sentidos produzidos por uma categoria distante das profissões formais e subalternizada: as prostitutas de luxo. Nesse intuito, objetivava-se apreender os sentidos subjetivos produzidos por prostitutas de luxo, acerca do trabalho que desempenham. Com o objetivo de conferir maior clareza aos temas abordados, o referencial teórico dissertou sobre os sentidos do trabalho e a prostituição de luxo. A pesquisa classificou-se como qualitativa-descritiva e pesquisa de campo, constituída por uma amostra de cinco mulheres prostitutas de luxo atuantes em Belo Horizonte. A análise dos resultados identificou sentidos apreendidos no trabalho na prostituição de luxo. Observou-se também que algumas participantes compreendem seu trabalho como uma experiência fantasiosa, que permite que construam diferentes identidades, tendo em vista que os clientes idealizam na prostituta a figura feminina perfeita que gostariam de ter ao seu lado, esquecendo-se que a finalidade da relação é meramente econômica. Ademais, constatou-se que a prostituição influencia outros espaços de atuação de suas profissionais, sendo os espaços familiar, sentimental e social, os mais afetados.

Palavras-chave: Prostituição; Prostituição de luxo; Sentidos; Trabalho.

WORK IN THE LUXURY PROSTITUTION: SUBJECTIVE SENSES ANALYSIS PRODUCED BY LUXURY PROSTITUTES IN BELO HORIZONTE – MG

ABSTRACT

Work, which was once seen only as a mean of survival and accumulation of wealth, has become one of the major dimensions of human life, causing individuals to be identified through the activities they perform. Several studies have addressed work through the senses that workers attach to the activities they perform, as is the case of the present research that investigates the sense produced by a category distant of formal professions: luxury prostitutes. To that end, the objective was to capture the subjective senses produced by luxury prostitutes about the work they do. In order to give greater clarity to the topics addressed, the theoretical reference spoke about the meanings of work and luxury prostitution. The research was classified as qualitative-descriptive and field research, consisting of a sample of five women luxury prostitutes that act in Belo Horizonte. The analysis of the results identified underlying meanings concerning the practice of luxury prostitution. We also observed that some participants understand their work as a fanciful experience, which allows them to construct different identities, since clients idealize the prostitute as the perfect female figure they would like to have by their side, forgetting that the purpose of the relationship is merely economic. In addition, we found that prostitution influences other spaces of action of the professionals, being the familiar, sentimental and social spaces the most affected.

Keywords: Work; Senses; Prostitution; Luxury Prostitution.

1 INTRODUÇÃO

A importância do trabalho para os seres humanos e para a sociedade estimula o seu estudo. Diante de um cenário de constantes transformações, o trabalho passou a ser investigado por diversas áreas do conhecimento, que buscam interpretar e compreender os impactos de sua transformação nas organizações e as consequências deste processo para o trabalhador e a sociedade (Alberton; Piccinini, 2009). Entre esses estudos, encontram-se os que se referem ao sentido do trabalho na vida dos trabalhadores. Morin (2001) menciona que esta compreensão acerca do trabalho é um desafio importante para os atuais administradores, tendo em vista que as mudanças no mundo do trabalho e nas relações que o permeiam atingem as organizações diretamente.

Para Vygotski (1991), sentido refere-se à soma de todos os eventos psicológicos evocados em nossa consciência por meio da palavra. O sentido é sempre uma formação dinâmica, variável e complexa, que tem zonas de estabilidade diferentes. A produção de sentidos tem sua gênese na experiência singular de um sujeito com uma situação concreta, em que “[...]todo o comportamento nessa condição, representa um processo de produção de sentidos, que definidos dentro de um sistema de sentidos, atua sobre ele, produzindo novos sentidos” (Rey, 2004, p. 51).

Várias atividades já serviram como objeto de pesquisa, contemplando o trabalho e seus sentidos. Este estudo aborda o trabalho para uma profissão subalternizada na sociedade - a prostituição - por uma perspectiva interseccional, já que envolve também a questão do gênero, no caso, a prostituição de mulheres. Mesmo sendo uma das categorias profissionais mais antigas na história, essas mulheres ainda lutam para consolidar essa profissão. Especificamente, abordam-se as prostitutas de luxo, pertencentes a uma categoria na prostituição conhecida como alto meretrício. A prostituição de luxo tem como principal característica o fato de se voltar para um público sofisticado, com condições financeiras que tornam possível o pagamento de altos valores por um programa. Observa-se que as profissionais de luxo possuem uma dinâmica em seu trabalho que as difere das demais categorias de prostituição, marcadas pela pobreza, pelas péssimas condições de trabalho em boates ou, até mesmo, nas ruas e pelos baixos preços cobrados pelo programa. A interseccionalidade deste trabalho encontra-se, portanto, na análise de uma subcategoria profissional (a prostituição de luxo), em uma categoria profissional específica (prostituição), exercida por profissionais do sexo feminino (divisão sexual do trabalho e relações de gênero).

Diante do exposto, tem-se o seguinte problema a ser pesquisado: Quais são os sentidos atribuídos ao trabalho por prostitutas de luxo atuantes em Belo Horizonte – MG? Objetiva-se, diante desse questionamento, apreender os sentidos subjetivos produzidos pelas prostitutas de luxo acerca do trabalho que desempenham.

Por mais que a atividade de prostituição seja marginalizada na sociedade, fazendo com que seus profissionais enfrentem situações de preconceito e rejeição (Costa; Silva; Nascimento, 2009), o trabalho não deixa de ter um sentido na vida dessas profissionais e esse sentido influencia sua construção identitária, assim como nas demais profissões. Desta forma, este estudo se mostra relevante primeiramente por abordar o trabalho para uma profissão periférica na sociedade, mas que nem por isso deixa de ser uma forma de trabalho, em que relações são estabelecidas, trocas são realizadas e rendas são geradas tendo como base a oferta de serviço sexual, configurando-se em um importante segmento no atual mercado (Silva; Blanchette, 2008).

A escolha por investigar a prostituição de luxo em meio a outras possibilidades, como a prostituição de boate, de hotéis, de rua, ou mesmo a *cyber*prostituição, se deu principalmente pela visibilidade que essa categoria alcançou na atualidade em espaços midiáticos. Isso pode ser observado em novelas como “Verdades Secretas” e a série “Felizes para Sempre” apresentadas em canal aberto de televisão, a minissérie “O Negócio”, apresentada em canal fechado, e os filmes “Garota de Programa”, “Confissões de uma Garota de Programa” e “Bruna Surfistinha”. Em todas essas mídias, aborda-se as prostitutas de luxo, enfatizando o *glamour* e o consumo existentes nos espaços onde esse trabalho é realizado, dando condições para que o debate em torno da prostituição de luxo seja ampliado. Essa visibilidade concedida, apresentando os bastidores, os valores

exorbitantes cobrados nos programas sexuais (algo em torno de R\$ 15.000,00 a R\$ 40.000,00), atrelada às diversas possibilidades de consumo no mercado de luxo, de uma experiência social de status e de tráfegar livremente em espaços antes negados, parece tentar encobrir o julgamento moral existente na sociedade que, independente da categoria de prostituição, coloca toda e qualquer prostituta, em situação de inferioridade.

Este estudo se justifica também pelo desafio que é se inserir no submundo da prostituição, mergulhar no universo de trabalho de uma categoria de profissionais que se manteve segregada e pertencendo a uma atividade tida como indecente e imoral na sociedade. Justifica-se ainda, pelo fato de “dar vozes” a um grupo marginalizado que historicamente não se constituiu como sujeito ativo na sociedade.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Neste tópico apresenta-se o embasamento teórico que norteou este estudo. Inicialmente, discute-se o trabalho e os diferentes sentidos a ele atribuídos no decorrer do tempo e como se constituiu uma importante dimensão da vida humana em sociedade. A seguir, aborda-se a prostituição de luxo com o intuito de contextualizar brevemente a prostituição e caracterizar suas profissionais pertencentes à categoria luxo.

2.1 Trabalho e seus diferentes sentidos na vida humana

O trabalho é algo que acompanha o homem desde os primórdios da humanidade. Embora tenha seus significados modificados no decorrer do tempo, o fato é que o trabalho sempre representou parte da identidade das pessoas, interferindo consideravelmente na concepção que fazem de si mesmo e dos outros.

Não se sabe ao certo a origem da palavra trabalho. Cunha (1987), citado por Dourado et al. (2009), relata que trabalho remete ao latim *tripaliare*, que significa martirizar com o *tripalium*, sendo esse um instrumento formado por três estacas utilizadas para manter presos os bois ou cavalos difíceis de serem domados. No latim vulgar, significa “pena ou servidão do homem à natureza”.

Freud (1974) argumenta que o trabalho é a atividade que proporciona certa direção à vida, noção de realidade, e, também, representa uma possibilidade de vínculos entre as pessoas. Partindo dessa concepção freudiana do trabalho, pode-se compreender porque pessoas em situação de não emprego ou desemprego sofrem diante dessa condição. O trabalho orienta caminhos a serem seguidos e aproxima as pessoas, logo, quando não trabalha, o indivíduo se vê deslocado na sociedade à qual pertence.

Em decorrência do aumento mundial do desemprego, os indivíduos passaram a valorizar cada vez mais o fato de possuir um trabalho. Principalmente devido ao fato de a sociedade discriminar pessoas desempregadas, atribuindo a elas desqualificação, incapacidade e até marginalização. Nesse sentido, o trabalho passa a ter uma dimensão psicológica na vida do trabalhador, afetando a forma como esse percebe o mundo e a si próprio na sociedade.

Dessa forma, conforme relatam Assis e Macedo (2008), o trabalho, como construtor de identidade e inclusão social, interfere na vida das pessoas como um todo. Nesse sentido, Codo et al. (2004) afirmam que o trabalhador constrói sua identidade na sua relação diária com a própria vida, estabelecendo uma tríple relação entre identidade-trabalho-relações sociais e afetivas.

O trabalho ocupa um lugar central na vida das pessoas. Ao se questionar: “se você tivesse bastante dinheiro para viver o resto da sua vida confortavelmente sem trabalhar, o que você faria com relação ao seu trabalho?” Mais de 80% responderam que, ainda assim, trabalhariam (Morin, 1997). Os motivos para tal resposta estão no fato de que as pessoas se relacionam e interagem por meio do trabalho, sentem-se pertencentes a determinado grupo, têm uma ocupação e passam a ter um objetivo na vida.

Alguns estudos já foram realizados com o objetivo de desvendar o sentido que os trabalhadores atribuem ao seu trabalho. Entre esses estudos, destaca-se o trabalho do Grupo MOW (Meaning of Work) (Meaning of Work, 1997), que foi pioneiro na investigação do tema a partir da década de 1950. O modelo proposto pelo grupo considera o significado do trabalho como um construto psicológico multidimensional e dinâmico, formado da interação entre variáveis pessoais e ambientais e influenciado pelas mudanças no indivíduo. As pesquisas realizadas pelo grupo consistem na classificação de seis padrões de definição do trabalho: (I) Padrão A, o trabalho é algo que acrescenta valor a qualquer coisa; (II) Padrão B, há um sentimento de vinculação (pertença) ao realizar o trabalho; (III) Padrão C, outros se beneficiam com este trabalho; (IV) Padrão D, alguém determina o que fazer, não é agradável; (V) Padrão E, o trabalho é mental e fisicamente exigente; e (VI) Padrão F, o trabalho tem um horário determinado para sua realização; faz parte das tarefas do indivíduo; e, recebe-se alguma compensação financeira para fazê-lo.

Observa-se que o modelo proposto pelo Grupo MOW apresenta: o caráter social do trabalho que visa, para além de benefícios individuais, contribuir com a sociedade (padrões A, B e C); as concepções negativas do trabalho, vendo-o como uma atividade desagradável, obrigatória para sustento (padrões D e E); e a concepção neutra do trabalho encarada como uma atividade que se realiza em um lugar e horário determinados, com uma remuneração para essa tarefa (padrão F).

Morin (2002), por sua vez, realizou uma pesquisa com estudantes de administração e administradores. Os resultados se aproximam daqueles obtidos pelo Grupo MOW. Entre os estudantes de administração foram identificados cinco motivos para o trabalho: (a) para realizar-se e atualizar o potencial; (b) para adquirir segurança e ser autônomo; (c) para relacionar-se com os outros e estar vinculado em grupos; (d) para contribuir com a sociedade; e (e) para ter um sentido na vida, o que inclui ter o que fazer e manter-se ocupado. De acordo com a autora, as características que o trabalho deve ter são consoantes com os motivos que estimulam esses estudantes ao trabalho: é necessário haver boas condições de trabalho (horários convenientes, bom salário, preservação da saúde); oportunidade de aprendizagem e realização adequada da tarefa; trabalho estimulante, variado e com autonomia.

Na perspectiva da psicodinâmica, Dejours, citado por Dourado et al. (2009, p. 351), afirma que o trabalho deve fazer sentido tanto para o sujeito que o realiza, quanto para seus companheiros e para a sociedade. Para esse autor, o sentido do trabalho se constitui pelo “conteúdo significativo em relação ao sujeito, que envolve a dificuldade prática da tarefa” e “o conteúdo significativo do objeto que envolve mensagens simbólicas que a tarefa pode também veicular para alguém”.

Pelos estudos abordados, verificou-se que o sentido do trabalho ultrapassa a antiga noção de que o trabalho era apenas um meio de subsistência na sociedade. Nas pesquisas, é demonstrado que, além de ser a principal fonte de sobrevivência para as pessoas, o trabalho é visto também como forma de ser aceito no meio social, interagir com outras pessoas, tornar-se membro de um grupo e se realizar como ser humano.

No entanto, observa-se que o trabalho pode ser considerado motivo de discriminação e preconceito para algumas pessoas em decorrência de sua natureza. É o caso das prostitutas, que sofrem, pela atividade que realizam, estigmas que levam a não serem aceitas socialmente

2.2 O trabalho na prostituição de luxo

A prostituição é vista como uma prática por meio da qual se oferece sexo em troca de dinheiro, sendo a prostituta aquela que vive a partir da prostituição. Costa, Silva e Nascimento (2009) referem-se à prostituição como a prática de comercializar serviços de natureza sexual como prazer, fantasias, sexo, carícias, etc. Gaspar (1984) apresenta a prostituta como sendo aquela que vende serviços sexuais em troca de uma quantia em dinheiro anteriormente combinada. Para Moreira e Monteiro (2009), a prostituta é aquela que oferece satisfação sexual em troca de remuneração.

Diversos estudos foram realizados tendo como sujeitos de pesquisa as prostitutas. A partir da leitura de textos, como os de Leite (2009), Santos (2011), Bittencourt (2008), Guimarães (2007), é possível perceber que há um desejo social de querer moralizar as prostitutas, de querer torná-las vítimas, pobres sofredoras fruto de uma sociedade machista e capitalista. Em geral os trabalhos querem oficializar o discurso de que a mulher prostituta no fundo não quer se prostituir, que está nessa vida apenas por falta de opções. Enquanto, na realidade, existem mulheres, mesmo as de baixo meretrício, conforme relata Barreto (2011), que se prostituem por vontade própria, porque gostam, porque se realizam nessa profissão. Nesses casos, observa-se que se tratam de mulheres que conquistam uma boa fonte de renda e se mantêm num patamar econômico relativamente elevado, o que possibilita manterem um bom padrão de vida e consumirem o que desejam.

Nessa perspectiva, Barreto (2014) afirma que as prostitutas podem ser felizes, podem estar felizes com sua profissão, podem gozar e curtir seus programas, fato que uma sociedade moralista resiste em aceitar, tentando pregar o contrário, ou seja, o papel da prostituta sofredora, flagelada, explorada e infeliz. Obviamente isso está atrelado às possibilidades e autonomia que cada uma delas consegue desenvolver. No que se refere à prostituição de luxo, foco desta pesquisa, percebe-se que o lugar social que essas mulheres ocupam as coloca em um outro nível de discussão.

Segundo Silva e Blanchette (2008), a prostituição de elite é considerada muito fechada e se caracteriza como aquela em que os clientes pagam preços exorbitantes por um programa. As prostitutas, na maioria das vezes, são modelos, atrizes, que acompanham e prestam serviços sexuais para homens de posses, incluindo deputados, jogadores de futebol, atores, enfim, celebridades em geral.

Oliveira (2008) relata que a categoria das prostitutas chamadas “prostitutas de luxo” é composta também por mulheres que captam seus clientes em boates, nas ruas da zona sul da cidade, em casas de massagem, por meio de anúncios em jornais, sites, por telefone ou ainda por outras formas.

Trata-se de garotas de nível educacional superior, mais sofisticadas e com um guarda-roupa à altura da exigência. Apesar de prostituta, não gosta de ser tratada como mulher vulgar. São geralmente indicadas por colegas ou por clientes conhecidos. Os encontros são geralmente marcados por telefone, evitando deixar mensagens de voz ou enviar mensagens escritas, a fim de permanecerem praticamente “sem rasto” (Guimarães, 2007).

O cliente deste tipo de prostituição possui dinheiro, influência e não gosta de ser reconhecido como tal, esforçando-se ao máximo por não levantar a mínima suspeita. São com toda a naturalidade as prostitutas mais bem pagas e esforçam-se por manter uma ética profissional que consiste em não pronunciar o nome do cliente, nem mesmo a uma colega. Também não usam os seus números de telefone pessoais, para minimizar os riscos que correm. Desta forma, passam ao lado do conhecimento das autoridades e de toda e qualquer estatística credível, podendo o negócio continuar a render por mais tempo.

Barreto (2014) aponta várias características das prostitutas de luxo. Segundo a autora, são garotas com excessivo cuidado com os cabelos, a pele, o corpo, a higiene íntima, o uso de preservativo, a alimentação e o uso de roupas de boa qualidade. É grande a frequência em salões de beleza, em academias de ginástica, em clínicas para tratamentos estéticos e em lojas que vendem roupas de marcas caras. Isso porque sua aparência é o seu cartão de visita e quanto mais bonitas, bem vestidas e, principalmente, menos aparentarem serem profissionais do sexo, melhor será sua clientela, visto que um dos fatores que as caracterizam como acompanhantes de luxo é justamente não parecerem profissionais do sexo.

Uma segunda característica apontada por Barreto (2014), refere-se a forma com que divulgam seu trabalho, apontado como sendo a divulgação em sites da internet. É comum sites destinados apenas a apresentar garotas de programa de alto luxo. Por meio desses sites as meninas postam fotos e informações pessoais para os clientes entrarem em contato e assim poderem marcar os programas.

Barreto (2014) menciona também o fato de virem de famílias com bom poder aquisitivo, que puderam proporcioná-las o ingresso em boas escolas particulares, melhorando assim seus níveis de instrução. A clientela que procura esse tipo de serviço sexual é exigente, quer meninas bonitas, bem instruídas, elegantes, que saibam se portar e conversar, visto que elas não apenas são contratadas para o ato sexual, mas também para acompanhar os clientes em festas, jantares e viagens. Muitas dessas meninas são universitárias e se prostituem para pagar seus cursos na universidade. Há também meninas que são formadas, mas que encontram na prostituição de luxo uma maneira de ganhar uma renda maior do que ganhariam atuando em suas áreas de formação.

Santos (2011) acredita que a prostituição de luxo é um meio para as meninas ganharem uma boa quantia de dinheiro e assim poderem manter um alto padrão de consumo. Contudo, acredita-se que não seja apenas esse desejo em consumir que mantém essas meninas no mundo das acompanhantes de luxo. O desejo de comprar roupas caras, acessórios caros, de andarem em carros muitas vezes importados, de estarem semanalmente em salões de beleza e em clínicas de estética, de frequentarem festas e bares badalados, certamente caracteriza acentuadamente a vida dessas mulheres.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo caracteriza-se como qualitativo-descritivo e uma pesquisa de campo, tendo em vista que o estudo foi conduzido no próprio *locus* de estudo, ou seja, em locais onde ocorre prostituição de luxo na capital mineira.

Caracterizam-se como sujeitos desta pesquisa as prostitutas de luxo atuantes em Belo Horizonte. Optou-se por investigar a capital mineira, tendo em vista a acessibilidade das pesquisadoras e a possibilidade de encontrar essas profissionais, o que não seria possível na maioria das cidades interioranas.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista em profundidade realizada com cinco prostitutas de luxo atuantes em Belo Horizonte. Essa entrevista é classificada como semiestruturada, porque as questões foram formuladas de maneira a permitir que as participantes discorressem e verbalizassem seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados (Rosa; Arnouldi, 2006).

As entrevistas foram realizadas por meio de gravação em áudio e, posteriormente, transcritas na íntegra para a realização da análise de conteúdo, seguindo as especificações de Lawrence Bardin.

4 ANÁLISE DE DADOS E DISCUSSÕES

Neste tópico, apresenta-se a análise dos dados obtidos por meio das entrevistas realizadas com prostitutas de luxo em Belo Horizonte-MG. Para melhor apresentação e discussão desses dados, optou-se por dividir a análise em três categorias: (i) Caracterização das participantes da pesquisa; (ii) O caminho que conduziu ao “luxo”: revisitando a trajetória das prostitutas de luxo; e (iii) O trabalho no “luxo”: apreendendo sentidos do trabalho na prostituição de luxo.

4.1 Caracterização das participantes da pesquisa

Conhecer o perfil de cada uma das participantes da pesquisa mostrou-se útil para o levantamento de elementos que possibilitaram apreender sentidos referentes ao trabalho que realizam. Na prostituição, geralmente as profissionais não revelam seu verdadeiro nome, elas usam o “nome de guerra”, ou seja, um nome fictício criado exclusivamente para atuarem como prostitutas. Nesta pesquisa, todas as participantes possuíam um “nome de guerra”, porém optou-se por não os utilizar como forma de manter a privacidade das entrevistadas. Desta forma, as participantes foram identificadas por nomes de prostitutas conhecidas na história, na mídia e na literatura: Capitu, Bruna, Gabriela, Danny e Angel.

Ao caracterizar as participantes da pesquisa, foi possível observar aspectos convergentes e divergentes entre elas. Quatro delas são solteiras e apenas Gabriela é divorciada. A idade varia entre 20 e 30 anos, mostrando-se tratar de mulheres jovens. Três das participantes são mães de um filho (a), com idade entre 5 e 11 anos. Nenhuma delas possui ensino superior completo, quatro possuem ensino médio completo e apenas Bruna iniciou um curso superior de Administração. A renda apresentada por elas varia entre R\$ 5.000,00 e R\$ 17.000,00. Observou-se que as garotas que atuavam há menos tempo como prostitutas, Danny e Angel, possuem renda inferior às demais que atuam há mais tempo na atividade. Notou-se que apenas Bruna não reside em Belo Horizonte e se locomove para lá para se prostituir. As demais garotas mantêm residência na capital.

Todas as participantes da pesquisa eram garotas que acompanham o padrão de beleza postulado pela atual sociedade, ou seja, eram magras, corpos torneados, cabelos lisos e bem tratados, usavam roupas de marca famosas, apresentando-se sempre bem vestidas, enfim, mulheres que cuidavam substancialmente de sua aparência. Tendo apresentado brevemente algumas características que definem as mulheres participantes da pesquisa, passa-se, a seguir, para a análise de alguns sentidos captados nesta pesquisa. O próximo item aborda a trajetória das participantes.

4.2 O caminho que conduziu ao “luxo”: revisitando a trajetória das prostitutas de luxo

Nesta parte, foi solicitado que as participantes contassem um pouco de sua história até a entrada para a prostituição, focando, em especial, os pais, a infância, a adolescência, o casamento e os filhos. Deveriam relatar também a forma como conheceram a prostituição, o momento em que decidiram ser prostitutas, o que mais influenciou essa decisão e como estavam suas vidas atualmente, após a entrada para a boate.

No que se refere aos pais, observa-se que apenas Bruna tem uma família estruturada e se relaciona bem com os pais. Ela demonstra em seu relato ter um carinho muito especial pelo seu pai, que é uma pessoa conservadora e por isso não sabe que ela é garota de programa. Danny é muito sucinta ao falar sobre seus pais, ela afirma apenas se tratar de um relacionamento tranquilo. Gabriela e Angel demonstraram não manter um relacionamento próximo aos pais. Os pais de Capitu eram separados e faleceram quando ela era adolescente.

Em seguida, questionou-se às entrevistadas sobre as fases da infância e adolescência. Observou-se que para Capitu e Gabriela foram fases difíceis. Capitu relata que na adolescência, quando perdeu seus pais, ela e os irmãos foram expulsos de casa e como não tinham para onde ir, passaram a morar nas ruas de Belo Horizonte. Percebe-se que foi um momento delicado, tanto para ela, quanto para seus irmãos, que eram pequenos e que haviam perdido os pais recentemente. Em determinado trecho ela afirma que *“A gente não tinha pra onde ir, não tinha psicológico muito bom pra resolver isso”*. Ela menciona que começou a trabalhar como vendedora nessa época, para ajudar os irmãos até que eles conseguissem um lugar pra ficar fora das ruas.

A adolescência de Gabriela também foi uma fase relativamente complicada, pois sua mãe teve um acidente vascular cerebral (AVC), deixou de trabalhar e por isso a família enfrentou dificuldades financeiras. Logo após, a mãe apresentou um quadro de depressão, acompanhado de bipolaridade e o relacionamento entre ela e Gabriela piorou consideravelmente.

Danny e Angel não deram detalhes sobre a infância e a adolescência, se limitaram a dizer que se tratam de fases tranquilas que não resultaram em acontecimentos marcantes em suas trajetórias.

Bruna relata que teve uma infância agradável no interior de São Paulo, onde brincava muito com os colegas e se divertia na fazenda dos avós. Ela menciona ter sido uma criança hiperativa, que não se cansava, o que converge com seu comportamento atual, tendo em vista que ela se tornou uma adulta relativamente agitada.

Considerou-se importante para essa categoria analítica, investigar também a maneira como se deu a entrada das participantes para a prostituição de luxo. Nesse sentido, observa-se que todas

elas foram motivadas pelos ganhos oriundos dessa atividade, tendo em vista que se encontravam em um momento financeiro instável e necessitavam de uma renda extra.

Capitu relata que conheceu a prostituição de luxo por meio de uma colega de república. Após sair das ruas, ela foi morar em uma república feminina onde conheceu essa amiga que trabalhava na boate. Ela não revelava a ninguém seu real trabalho. No entanto, um dia Capitu viu chegar em casa com roupa de festa e ela se assustou com o fato de ela tê-la visto. Então, resolveu contar a Capitu o que fazia para ganhar a vida, pagar sua faculdade de Enfermagem e sustentar os filhos no interior. De início, Capitu afirma que não se interessou pela prostituição, mas em outro momento de grande dificuldade em que tinha que ajudar seus irmãos, ela pediu a essa colega para ir com ela na boate. Após essa primeira visita, iniciou as atividades na boate, onde está até hoje.

Bruna saiu do interior de São Paulo para trabalhar em um bingo na capital. Segundo ela, foi um momento em que ganhou muito dinheiro, pois os bingos eram bastante lucrativos. Mas o bingo fechou e por isso, ela e algumas colegas de trabalho procuraram uma agência de eventos. Na agência, ela foi solicitada a fazer um *book* e os trabalhos em eventos surgiram. Por dois anos, Bruna atuou exclusivamente em eventos. Certo dia, soube, por meio de um cliente, sobre o site que expõe garotas de programa disponíveis para trabalho. Ela fez um balanço dos ganhos que teria em eventos e atuando como garota de programa e verificou que seriam bem maiores no site e que trabalharia menos que nos eventos. O cliente a ajudou com um investimento inicial para fazer as fotos e ela iniciou sua carreira na prostituição de luxo.

Gabriela se tornou prostituta de luxo em um momento de extrema necessidade financeira. Ela havia se divorciado e não possuía renda alguma para manter a si mesma e à sua filha. Conseguiu um emprego, mas o salário que recebia não era suficiente para suprir suas despesas. Foi nessa época que um amigo mencionou as casas de massagens, local onde aconteciam os programas. Ela relata que já havia pensado nessa possibilidade, mas não havia tido coragem até então. A situação financeira se complicou ainda mais e ela, então, viu a prostituição de luxo como uma possibilidade de remediar o problema que enfrentava.

Danny entrou para a prostituição após acessar anúncios de agências na internet. Ela entrou em contato e agendou uma entrevista, juntamente com uma amiga. Fizeram a entrevista e apesar de a amiga decidir não entrar para a prostituição, Danny aceitou o trabalho. Ela não detalhou como estava sua vida e quais foram as principais motivações que a levaram a buscar esse tipo de trabalho.

Angel, assim como Gabriela, obteve informações sobre o mercado de prostituição por meio de um amigo que a indicou para a boate. Ela relata que, a princípio, ficou muito receosa em visitar a boate, pois sentia vergonha, principalmente das demais garotas que lá trabalhavam. Mas como precisava de um trabalho, acabou criando coragem e visitando a boate, local onde trabalha atualmente.

Por meio dos relatos, é possível afirmar que a entrada para a prostituição de luxo se deu motivada principalmente pelos ganhos oriundos desta atividade, que podem ser considerados altos em relação a outras em que as participantes atuaram. Capitu, Bruna e Gabriela tornaram-se prostitutas em momentos considerados, por elas, como muito difíceis em que necessitavam de uma renda maior para suprir os compromissos que tinham e que envolviam a sobrevivência própria e de seus familiares. Na prostituição de luxo, assim como em outros tipos de prostituição, as garotas sentem-se atraídas pelos altos ganhos que a atividade proporciona. Porém, na prostituição de luxo, tais ganhos são considerados muito maiores comparados à prostituição de boate ou de rua.

No próximo tópico, discute-se o trabalho na prostituição de luxo, buscando evidenciar os sentidos que podem ser apreendidos por meio desta atividade.

4.3 O trabalho no “luxo”: apreendendo sentidos do trabalho na prostituição de luxo

Este item é uma continuidade do anterior, em que se realizou uma conversa com as participantes buscando compreender alguns pontos centrais, nos quais possa se apreender sentidos sobre o trabalho na prostituição. Após a transcrição e estruturação dos dados, apresentaram-se

algumas categorias que evidenciaram sentidos em relação ao trabalho na prostituição, que possibilitaram a compreensão de como as prostitutas de luxo entrevistadas, atribuem sentidos e produzem subjetividades em torno de adversidades, sofrimentos e precariedades, provocados pelas especificidades de sua experiência laboral e, ainda, os impactos, na relação das entrevistadas com o trabalho de prostituta, de representações dominantes essencialmente economicistas e moralizantes sobre a prostituição de luxo.

Inicialmente, questionou-se às participantes sobre a experiência/vivência na prostituição de luxo. Nos relatos apresentados pode-se apreender sentidos que se voltam para os seguintes elementos: ambiente agradável da boate, união entre as garotas, independência, conhecer novas pessoas, cuidados pessoais, estabilidade financeira, experiência/maturidade, horário de trabalho noturno, preconceito vivenciado, omissão da família, a dificuldade para se relacionar amorosamente, falta de amizades, a relação sexual, arrogância e grosseria de clientes.

Bruna: “Puts”, sou dona do meu nariz, tenho dinheiro na minha carteira sempre, se eu quiser comprar qualquer coisa eu consigo, assim, “ahh” eu quero comprar uma bolsa, um shampoo, um perfume, viajar, dar um presente pra minha filha, me presentear, ou parar de trabalhar, ficar sem trabalhar um tempo, conhecer pessoas. Eu acho que essa é a parte boa, de ter que estar sempre bonita, a gente tem que tá sempre se cuidando, isso é bom porque você acaba cuidado de você mesma né, do teu corpo, do teu cabelo, da tua alma inclusive (risos), essa é a parte boa.

Capitu e Angel relatam que o ambiente da boate é agradável, alegre e que elas se divertem lá. Trata-se de um local descontraído, com música, bebidas, onde as pessoas vão para descontrair e isso agrada às participantes. Capitu menciona também a união existente entre as garotas que trabalham na boate. Freud (1974) argumenta que o trabalho representa uma possibilidade de criação de vínculos entre as pessoas. Nessa perspectiva, observa-se que há um clima de companheirismo e reciprocidade, em que elas se apoiam e se entendem pelo fato de conhecerem a realidade e as motivações umas das outras e não fazerem julgamentos sobre o trabalho que desempenham.

A estabilidade financeira foi apontada por Capitu, Bruna, Gabriela e Angel como sendo um aspecto motivador do trabalho na prostituição de luxo. Os altos ganhos advindos da atividade conferem às garotas muitas possibilidades de consumir aquilo que desejam, além de ser a garantia de sobrevivência delas e de seus familiares. Gabriela afirma em relação ao dinheiro que recebe pelos programas que *“é uma coisa que antes eu nunca deslumbrei, nunca consegui, e hoje eu vejo que posso chegar lá”*. Observa-se que a prostituição lhe garante uma renda que ela nunca havia almejado ou pensado receber e que se tornou possível por meio desta atividade. Neste contexto, Bruna também relata *“sou dona do meu nariz, tenho dinheiro na minha carteira sempre, se eu quiser comprar qualquer coisa eu consigo”*. Neste trecho observa-se que a prostituição de luxo proporciona uma renda diária que confere às suas profissionais independência para consumir o que têm necessidade e desejo. Nesta categoria de prostituição, a renda adquirida é relativamente alta, se comparada com as demais, sendo as prostitutas de luxo consideradas as prostitutas mais bem pagas (Barreto, 2014).

No relato de Bruna, evidencia-se que o fato de cuidar diariamente de sua beleza para atuar como prostituta, é percebido como gerador de sentido sobre o seu trabalho. Na prostituição de luxo, a beleza aparece como um forte atrativo para os clientes e por isso as profissionais precisam cuidar de sua aparência. Nesse intuito, elas buscam se apresentar de acordo com os padrões sociais de beleza que incluem estar sempre maquiada, com o cabelo escovado e bem vestidas. Também se voltam muito para os cuidados com o corpo: malham, fazem intervenções cirúrgicas (silicone nas nádegas e nos seios, lipoaspiração, abdominoplastia), colocam apliques de cabelos, enfim, abusam das possibilidades para torná-las mais atrativas aos clientes. Barreto (2014) menciona que a aparência é o cartão de visita dessas profissionais e por isso esses cuidados se fazem necessários nessa atividade.

Capitu e Danny revelam que o fato de a prostituição de luxo ser uma atividade que acontece na maioria das vezes à noite, a torna desgastante e gera cansaço. Silva et al. (2011) afirmam que as consequências da realização do trabalho no período noturno na saúde do trabalhador, manifestam-se como alterações do equilíbrio biológico, dos hábitos alimentares e do sono, na perda de atenção, na acumulação de erros, no estado de ânimo e na vida familiar e social. As alterações ocorrem porque o trabalho realizado no período noturno provoca situações que exigem adaptação do trabalhador, uma vez que esse experimenta uma inversão do ciclo sono-vigília porque o trabalhador realiza a atividade no momento em que o organismo se prepara para o descanso. Para as prostitutas, o horário noturno é aquele em as pessoas que mais procuram pelos serviços sexuais, principalmente em boates que funcionam neste horário. Desta forma, elas precisam se adequar a esse horário ainda que isso afete sua saúde.

Outros elementos constitutivos de sentido na prostituição foram o preconceito e a discriminação vivenciados pelo fato de a sociedade não ter uma aceitação em relação à atividade profissional das prostitutas. Bruna afirma que são “*comentários maldosos, que indiretamente hoje chegam até a gente*”. Outra questão por ela apontada é a omissão da profissão para a família, uma vez que a maioria das prostitutas não revela aos familiares sobre o trabalho que realizam temendo represálias por parte de pessoas importantes em suas vidas. Barreto e Prado (2010) afirmam que esses segredos existem como uma forma de esconder uma atitude não aceita pela cultura familiar ou pela sociedade, o que acaba modificando a relação entre os membros do grupo e provocando um sentimento de culpa naquele que tem a posse do segredo. Os autores mencionam que uma forma de prevenir que tal segredo seja quebrado por essas mulheres é alternar os lugares onde trabalham, a fim de evitar com isso o risco de encontrar parentes ou pessoas de seu meio social na zona de prostituição.

A prostituição é também apontada por Bruna como algo que atrapalha o convívio social. Segundo ela, o fato de ser prostituta restringe o ciclo de amizades e faz com que se conviva apenas com pessoas ligadas à prostituição. Ela demonstra sentir falta de amigos que conversem assuntos diferentes.

Bruna: (...) é essa questão de você saber o quanto rola de preconceito, quanto as pessoas têm comentários maldosos, que indiretamente hoje chegam até a gente, é você ter que esconder da família. Então outra parte ruim pra mim é essa, você não tem opções de vida, você não tem vida social com amigos que fazem outras coisas. A minha vida hoje social, o meu ciclo de amizades tem a ver com o trabalho que eu faço.

Gabriela e Angel mencionam o relacionamento com determinados clientes como um ponto significativo na prática da prostituição. A prostituta, geralmente, atende qualquer cliente que solicitar seus serviços. Assim, é alta a probabilidade de se deparar com homens fora do padrão por elas desejado, ou seja, grosseiros, violentos e preconceituosos. Gabriela afirma em determinado trecho da entrevista que “*às vezes é bem desgastante, às vezes você não está tão afim, às vezes a pessoa não faz o seu tipo. Pode ser um velhinho de 90 anos ou um carinha de 19 anos*”. Esse trecho demonstra que a relação sexual é vista, por ela, como um trabalho a ser desenvolvido e não volta-se para a busca de prazer e de satisfação sexual. Angel relata que é comum se deparar com clientes grosseiros que as maltratam. O fato de estar pagando pelo serviço oferecido faz com que alguns clientes tenham atitudes discriminatórias e violentas. Moreira e Monteiro (2009) mencionam que a mulher, sendo prostituta, não foge ao contexto de violência historicamente construído. Para a sociedade, a atividade que ela exerce é ilícita e moralmente reprovável, expondo-a a violência ainda maior.

Em decorrência do preconceito e da discriminação que vivenciam, muitas prostitutas optam por não revelar à família e/ou ao grupo de amigos sobre o trabalho que desenvolvem, omitindo deles o fato de atuarem na prostituição. Assim sendo, questionou-se às entrevistadas se elas revelavam e para quem revelavam que eram prostitutas. Observou-se que nenhuma delas declara

abertamente, para o círculo de convívio social mais próximo, sobre o trabalho que desenvolvem, conforme demonstram os relatos abaixo.

Capitu: Não digo. É que eu conheço muita gente (risos), fora daqui. Eu tenho um convívio social bem grande, com muita gente. Mas somente duas ou três pessoas de confiança minha sabem que eu faço isso.

Gabriela: Não. Não por vergonha, mas pela minha filha. Por exemplo, minha família foi um quesito que eu me preocupei em ir pro site. Foi uma coisa que me segurou muito antes alguma pessoa me ligar por causa do site eu chegar lá e é algum parente.

No caso dos segredos familiares da prostituta, Karpel (1994) os caracterizam em função dos limites que eles criam no sistema de relações familiares: os segredos podem ser individuais (guardados por somente uma pessoa da família, no caso a prostituta esconde da família inteira sua profissão para se proteger de discriminações e retaliações familiares), segredos internos (guardados por pelo menos dois membros da família em relação a um terceiro, ou seja, a prostituta divide com alguém o segredo sobre sua profissão até como forma de se sentir mais protegida e menos culpada, mas continua escondendo de outras pessoas, principalmente dos filhos, como uma forma de protegê-los e preservar sua convivência) e segredos compartilhados (toda a família sabe, mas não expõe o segredo a outras pessoas que não fazem parte da família, ou seja, a família preserva o segredo da prostituição para que não haja problemas de preconceito, evitando que a mulher seja mal falada pela vizinhança ou por amigos. Além disso, o segredo não é motivo de discussão na família, sendo, muitas vezes disfarçado dentro da mesma, como se ninguém soubesse, não somente na frente dos outros, mas como também entre si.

Capitu afirma que apenas duas pessoas de sua confiança, que não são familiares, sabem sobre sua atuação profissional como prostituta. Bruna não revela para ninguém de sua convivência que é prostituta, ela diz que trabalha como *Designer* porque entende um pouco sobre essa área e não tem dificuldades para se passar por uma profissional. O mesmo acontece com Angel que se diz “cuidadora de idosa”, o que justificaria sua ausência durante o período da noite. Danny não revela a ninguém por temer ser tratada de forma desrespeitosa e preconceituosa pelas pessoas de sua família e seus amigos. Ela menciona que poderia ser julgada como imoral pela atividade que desempenha. Gabriela também não relata para sua família que é prostituta de luxo.

As participantes discutiram também sobre a reação das pessoas quando elas relatam que são prostitutas. Observou-se que a reação é sempre acompanhada de sentimentos como consternação, acolhimento e curiosidade. Na fala de Capitu é possível notar que quando ela revelou sobre sua atividade para pessoas muito íntimas, a primeira reação foi de achar que poderiam ter feito alguma coisa para que ela não se tornasse prostituta. Em seguida, Capitu relata que demonstraram apoio, que disseram não julgá-la por isso e que compreendem os motivos que levaram a entrada para essa atividade.

Capitu: Olha, como eu só falei pra pessoas muito íntimas mesmo, muito próximas, a reação, a princípio a reação é de... A primeira reação é de impotência. A pessoa pensa: ai, poderia ter me falado, eu te ajudava pra você não precisar fazer isso. Segunda, a segunda reação quase que imediata junto com essa é ah... é aquela, poxa... De, de me dizer, de me deixar claro que não me julga por isso.

Bruna relata que quando se apresenta como prostituta as pessoas reagem com preconceito. Ela relata que principalmente os homens se mostram bastante preconceituosos e que os comportamentos masculinos se diferem quando o homem é cliente e quando não é. Segundo ela, quando o homem está na posição de cliente, ele tende a ser simpático, mas quando está na noite, com amigos, ele tem atitudes muito preconceituosas.

Gabriela tem a mesma percepção de que as pessoas de sua família e amigos teriam uma reação negativa caso ela relatasse que é uma prostituta. Ela menciona que teme inclusive que alguns

possam usar dessa informação para extorqui-la com ameaças. Esse é o motivo pelo qual ela decidiu se afastar ao máximo de sua família, pois assim expõe menos sua verdadeira atividade. Em seu relato ela diz *“Eu não deixo as pessoas da minha família entrarem no meu dia a dia, eu tentei me afastar um pouco justamente por isso”*. Inicialmente, ela afirma que relatou apenas para uma amiga e que esta reagiu positivamente.

Conforme demonstrou-se, as prostitutas de luxo preferem não revelar sobre o trabalho que desempenham. Quando o fazem, tratam de revelar apenas para familiares e amigos próximos em quem confiam para guardar esse segredo. Observou-se que quando revelam, as reações são de compaixão e curiosidade sobre a atuação. As participantes demonstraram temer que o segredo fosse revelado a pessoas da família e demais conhecidos, pois acreditam que seriam julgadas e tratadas de maneira preconceituosa por essas pessoas, além de se distanciarem após a revelação.

Assis e Macedo (2008) apresentam o trabalho, como construtor de identidade e inclusão social e mencionam que este interfere na vida das pessoas como um todo. Nesse sentido, Codo et al. (2004) afirmam que o trabalhador constrói sua identidade na sua relação diária com a própria vida, estabelecendo uma tríplice relação entre identidade-trabalho-relações sociais e afetivas. Dessa forma, é evidente que o ato de se prostituir implica diretamente nos relacionamentos sociais das prostitutas, uma vez que há o distanciamento da família e dos amigos com a pretensão de esconder o trabalho desempenhado.

As entrevistadas demonstraram sua percepção em relação ao que elas acreditavam ser a prostituição de luxo e como enxergavam a prática da prostituta. Evidenciou-se que tal prática se efetiva principalmente no trato com os clientes e nas relações que se estabelecem com eles, não relações sexuais propriamente, mas a relação pessoal que acontece antes, durante e após o ato sexual.

Nesta perspectiva, Capitu relata que a prostituição é uma atividade que exige paciência por parte das profissionais, pois nem sempre encontram clientes agradáveis. Em sua fala é possível observar que, assim como aparecem clientes extremamente “cavalheiros”, também aparecem outros “bêbados e sem noção”. Em ambas as situações, Capitu afirma que é preciso saber lidar com eles e fazê-los se sentirem seguros, até porque o sucesso do programa depende dessa segurança.

Capitu: Paciência, até porque ninguém é igual a ninguém. Um dia que chega uma pessoa aqui, um cliente extremo cavalheiro... Daqui a pouco chega outro aqui extremamente bêbado e sem noção do que está fazendo e falando (risos). E tem que saber lidar, fazer a pessoa se sentir segura do seu lado, sabe?

Farinha e Bruns (2006) entendem que, além da relação sexual entre a profissional do sexo e o cliente, ocorre também uma relação intersubjetiva; afinal, ambos constroem um sentido para o relacionamento, que pode ser tanto de simpatia quanto de aversão. Capitu e Gabriela mencionam que a prostituta se assemelha a uma psicóloga ao ouvir, conversar e se relacionar de maneira interpessoal com os clientes.

Capitu, Gabriela e Danny revelam que o diálogo é essencial no momento do programa. Ambas afirmam não se tratar apenas de questões sexuais, mas de companhia, de conversa, o que muitas vezes os clientes não conseguem com suas parceiras. Gabriela relata que procura proporcionar um ambiente agradável, onde o cliente pode ser ele mesmo. Observa-se que, vista por esse lado, a prostituição parece se distanciar de sua atividade inicial que é a oferta de sexo, uma vez que se trata também de um momento em que a relação escapa à lógica do dinheiro ganho pelo prazer oferecido e aproxima-se de uma possibilidade afetiva. É como se naquele momento a relação de troca existente cedesse lugar a uma fantasia, onde a prostituta está no papel de companheira, que conversa, ouve e dá espaço para que o homem seja quem ele deseja ser.

Em relação a esse clima fantasioso, Bruna afirma que para ela a prostituição é de fato uma fantasia, conforme se observa no relato a seguir:

Bruna: É uma fantasia, eu acho que isso é uma grande fantasia eu acho... eu costumo dizer que nós vivemos, nós somos atores, né? Autores da nossa própria vida assim né, e como a gente usa um segundo nome né, então o que acontece, você acaba sendo uma fantasia na cabeça de outras pessoas, entendeu, porque você é um objeto de sexo. Isso é uma fantasia, trabalhar com sexo é uma grande fantasia, porque a realidade é bem diferente assim do que passa na mente dos homens de quem procura ou de quem estuda ou de quem pesquisa, é diferente.

Bruna menciona que a prostituta está em um papel de atriz, onde encena com seu cliente. Isso é reforçado pelo “nome de guerra”, que dá a elas a possibilidade de possuir uma segunda identidade que lhes confere uma outra vida, onde elas podem ser, durante o horário de trabalho, a prostituta e fora dele, as mulheres que realmente são. Ela relata que a fantasia é vivenciada também pelos clientes que podem criar realidades paralelas, onde a prostituta deixa de ser alguém pago para proporcionar-lhes prazer, e passa a ser uma mulher que, naquele momento, eles podem ter ao lado. Bruna reitera que a prostituição é uma fantasia para todos aqueles que estão externos à prática. Ela inclui, clientes, estudiosos, pesquisadores e afirma que na realidade a prostituição é algo bem diferente do que parece ser.

Finalizando a discussão sobre o trabalho na prostituição de luxo, as participantes relataram sobre o significado que esse trabalho tem na vida delas. Para Capitu, o trabalho está muito relacionado com a mudança de vida que ela teve após tornar-se uma prostituta de luxo. Após entrar para a boate, a realidade foi aos poucos melhorando e ela teve condições de ajudar seus familiares que precisavam de um apoio. Ela menciona que se trata de uma “pontinha de esperança”, ou seja, o trabalho foi a solução encontrada naquele momento para mudar sua vida para melhor.

Gabriela, assim como Capitu, remete o significado do trabalho na prostituição de luxo para a mudança ocasionada pelo aumento da renda adquirida por meio dessa atividade que torna possível que ela proporcione uma vida melhor para sua filha. Ela afirma que optou por entrar para a prostituição de luxo, pois queria dar oportunidade à sua filha de ter uma vida melhor que a dela e com menos dificuldades também. Gabriela afirma ainda que não “*cospe no prato que comeu*”, ou seja, que não vê somente coisas ruins no seu trabalho, uma vez que, quando ela enfrentou dificuldades para sobreviver, foi por meio da prostituição que ela melhorou sua condição de vida.

Bruna revela que o trabalho como prostituta de luxo significa para ela liberdade. Danny e Angel também apontam em suas falas aspectos relacionados à independência financeira proporcionada por esse trabalho que possibilita que elas não dependam dos pais para adquirir aquilo que desejam. Observa-se que essa independência financeira também as torna mais livres de possíveis vigilâncias por parte da família.

O significado do trabalho na prostituição de luxo aproxima-se, na maioria dos casos, das possibilidades que esse trabalho proporciona às suas profissionais. Trata-se de um aumento significativo na renda, que torna possível adquirir aquilo que desejam e melhorar as suas condições de vida e de seus familiares. O trabalho para as entrevistadas significa, então, a possibilidade de mudança para um padrão de vida superior ao que tinham antes, que traz independência e liberdade para as prostitutas. Observa-se que o momento em que elas escolhem entrar para a prostituição é relevante para essa percepção em relação ao significado. Todas as entrevistadas tornaram-se prostitutas em momentos difíceis de suas vidas, em que principalmente as condições financeiras encontravam-se desequilibradas. No caso de Capitu e Gabriela, a família é a principal motivação para a entrada para essa atividade, pois delas dependia a sobrevivência de seus familiares.

De acordo com Diogo e Maheirie (2007), o trabalho é a atividade que define o indivíduo como ser humano social. Essa sempre afeta, de algum modo, a subjetividade do trabalhador, transcendendo a atividade realizada, inscrevendo-se no corpo e na percepção de mundo daquele que o executa. Essa análise permitiu compreender o espaço de trabalho das prostitutas como um ambiente permanentemente gerador de subjetividade. A análise dos sentidos apreendidos pelas prostitutas em relação ao trabalho que realizam mostrou-se oportuna para o entendimento de aspectos importantes da relação entre as participantes da pesquisa e os sentidos que atribuem ao seu

trabalho e possibilitou evidenciar que as relações no espaço do trabalho estão permeadas por diversas outras que ocorrem em outros espaços sociais de atuação dos sujeitos.

O trabalho para essas mulheres está de alguma forma relacionado à trajetória que trilharam. A realidade a que pertenciam juntamente com as escolhas que fizeram no decorrer do tempo, as levaram para essa atividade. Não se trata de uma justificativa para a entrada para a prostituição, mas de condições econômicas, sociais e psicológicas que colaboraram para que os passos dessas mulheres chegassem até a prostituição de luxo e lá permanecessem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo apreender os sentidos subjetivos produzidos por prostitutas de luxo acerca do trabalho que exercem em Belo Horizonte, MG. Partindo-se desta proposta, a análise dos relatos das participantes revelou importantes sentidos que possibilitaram o entendimento de alguns elementos referentes ao trabalho das prostitutas de luxo em Belo Horizonte.

Assim como nas demais profissões, a prática da prostituição inclui diferentes percepções sobre as experiências vivenciadas. Nesse sentido, foi possível evidenciar uma série de contradições vividas na prostituição de luxo. Por exemplo, a boate, ao mesmo tempo em que traz a diversão, a boa convivência com as colegas de profissão, traz o trabalho noturno, o cansaço, os “bêbados”. O fato de ser uma “personagem” fantasiosa, ao mesmo tempo em que permite a construção de novas relações com os clientes, envolve uma separação entre trabalho e vida real, provocando sofrimentos para as participantes. Em relação ao dinheiro, ao mesmo tempo em que esse marca o vínculo com a profissão, defende-se que o serviço prestado vai além dele, havendo outras trocas e relações com os clientes.

As participantes da pesquisa relataram que não assumem o trabalho que desenvolvem para seus familiares por temerem que eles não compreendam e as excluam de sua convivência, além de outras posições discriminatórias que poderiam ter em relação a elas. A maioria afirmou que revelaram apenas para amigas mais próximas e que a reação delas foi de consternação, pena e incapacidade por não terem impedido que elas fossem por esse caminho. Essa questão reforça a condição subalterna deste tipo de trabalho, a qual, mesmo possibilitando altos ganhos por parte dessas mulheres, ainda as faz permanecer numa posição social marcada por desigualdades e preconceitos.

A prostituição de luxo foi apontada por algumas participantes como uma experiência fantasiosa, em que os clientes idealizam na prostituta a figura feminina perfeita que gostariam de ter ao lado, esquecendo-se que a finalidade daquela relação é meramente econômica. Elas foram unânimes ao afirmar que o ato sexual em si não é prioridade para muitos clientes, que buscam no serviço de prostituição, um espaço de interação com longas conversas sobre os mais diversos assuntos.

A prostituição mostrou-se uma atividade que influencia outros espaços de atuação de suas profissionais. Nesse sentido, o espaço familiar, sentimental e social parecem ser os mais afetados. Todas as participantes se encontravam solteiras no momento da pesquisa. Os relacionamentos amorosos tornam-se complexos, tendo em vista o serviço prestado. A convivência em sociedade é abalada, pois o preconceito e a discriminação vivenciados, devido às questões morais que condenam a prostituição, as exclui enquanto categoria profissional.

Considera-se que a pesquisa contribuiu academicamente ao prosseguir tratando do tema da prostituição no âmbito da Administração. A prostituição de luxo realizada por mulheres é uma continuidade a outros tipos de prostituição já pesquisados pelas pesquisadoras envolvidas na pesquisa. Ademais ressalta-se a ausência de trabalhos publicados em eventos e revistas científicas em Administração que abordassem essa temática. Entende-se que isso se deve ao fato de a prostituição não ser ainda reconhecida socialmente como uma profissão, estando seu mercado, bem como o que a ele se relaciona, afastado das pesquisas que envolvem a gestão. Diante disso, considera-se que esta pesquisa contribui por analisar interseccionalmente, pela perspectiva dos

estudos organizacionais, uma profissão há muito existente, cujo mercado encontra-se em expansão, mas que se mantém negligenciada como possibilidade de negócio, como é o caso das boates e dos sites que publicam os *books* das prostitutas de luxo.

REFERÊNCIAS

- Alberton, D. M., Piccinini, V.C. (2009) O sentido do trabalho em agências de publicidade. In: Enanpad – Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 33 São Paulo, *Anais...* Enanpad, 33, São Paulo.
- Assis, D. T. F., Macedo, K. B. (2008) Psicodinâmica do trabalho dos músicos de uma banda de blues. *Revista psicologia e sociedade*, 20, 117-124.
- Barreto, L. C., Prado, M. A. M. (2010) Identidade das prostitutas em Belo Horizonte: as representações, as regras e os espaços. *Pesquisas e práticas psicossociais* 5(2), 193-205.
- Barreto, V. H. S. (2011) “Às vezes eu me sinto uma puta da zona!” – A atividade da prostituição vista por garotos de programa. In: Conlab - Congresso Luso Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, 11, 2011, Salvador, *Anais...* 11 Conlab, Salvador.
- Barreto, D. R. D. (2014) *Luta por invisibilidade ou reconhecimento? Um estudo sobre a história de vida de acompanhantes de luxo*. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Bittencourt, G. H. F. (2008) *Da pornografia: os diários de Bruna, Marise e Gabriela. As prostitutas letradas*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.
- Codo, W., Menezes, I. V., Tavares, M., Lima, M. E. A., Diniz, G. (2004) *O trabalho enlouquece? Um encontro entre a clínica e o trabalho*. Petropolis, RJ: Vozes.
- Costa, D. B.; Silva, E. F.; Nascimento, J. U. (2009) *O trabalho das profissionais do sexo em Campina Grande: a batalha da vida*. Recuperado em: 24 março 2016, [de://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/141.%20o%20trabalho%20das%20profissionais%20do%20sexo%20em%20campina%20grande.pdf](http://www.abrapso.org.br/siteprincipal/images/Anais_XVENABRAPSO/141.%20o%20trabalho%20das%20profissionais%20do%20sexo%20em%20campina%20grande.pdf).
- Farinha, M. G., Bruns, M. A. (2006). *Adolescentes profissionais do sexo*. Campinas SP: Átomo.
- Freud, S. (1914) Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental [1911]. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, 14. Rio de Janeiro: Editora Imago.
- Gaspar, M. D. (1984) *Garotas de programa: prostituição em Copacabana e identidade social*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- Guimarães, R. M. (2007) *Prostituição: patologia, trabalho, prazer? O discurso de mulheres prostitutas*. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Karpel, M. (1994) *Evaluating couples: a handbook for practitioners*. New York.

- Leite, G. (2009) *Filha, mãe, avó e puta: a história de uma mulher que decidiu ser prostituta*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Moreira, I. C. C. C; Monteiro, C. F. S. (2009) Vivência da entrevista fenomenológica com prostitutas: relato de experiência. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 62, 789-792.
- Morin, E. (1997) Le sens du travail pour des gestionnaires francophones. *Revue Psychologie du Travail e des Organizations*, v.3, p.26-45.
- Morin, E. (2001) Os sentidos do trabalho. *RAE – Revista de Administração de Empresas*. 41, (3), 8-19.
- Morin, E. (2002) Os sentidos do trabalho. In Wood, T. *Gestão empresarial: o fator humano*, 13-34. São Paulo, SP: Atlas.
- MOW – Meaning Of Working (1997). *Webpage desenvolvida por S. Antonio Ruiz-Quintanilla, rev. por R. Claes, 2003. Apresenta atividades, eventos, pesquisas, publicações e petições do MOW Center*. Recuperado em: 2 março 2012, de: <<http://allserv.rug.ac.be/~rclaes/MOW/>>.
- Oliveira, M. Q. (2008) *Prostituição e trabalho no baixo meretrício de Belo Horizonte: o trabalho da vida nada fácil*. 179 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), Universidade Federal de Minas Gerais – MG.
- Rey, F. L.G. (2004) *Pesquisa qualitativa e subjetividade*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning.
- Rosa, M. V. F. P. C., Arnouldi, M. A. G. C. (2006) *A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Santos, V. G. (2011) *Prostitutas mães e a educação de seus filhos: corpo, cena e discurso no Centro de Fortaleza – CE*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Silva, R. M., Beck, C. L. C., Magnago, T. S. B. S., Carmagnani, M. I. S., Tavares, J. P., Prestes, F. C. (2011) Trabalho noturno e a repercussão na saúde dos enfermeiros. *Esc. Anna Nery*, 15 (2), 270-276.
- Silva, A.P., Blanchette, T.G. (2008) “Amor um real por minuto”. Artigo apresentado no *Diálogo Latino-Americano sobre Sexualidade e Geopolítica*. Recuperado em 20 março 2016, de:<http://www.sxpolitics.org/pt/wpcontent/uploads/2009/10/sexualidade-e-economia-thaddeus-blanchette-e-ana-paula-da-silva.pdf>.
- Vygotski, L. S. (1991) *Obras escogidas II: Problemas de psicología general*. Madrid: Visor Distribuciones.

Data da submissão: 15/05/2017

Data de aceite: 07/07/2017